ROTEIRO

ORIGENS - Fotos e falas da "Alôxa"

O TERREIRO: ESPAÇO DOMÉSTICO ESPAÇO SAGRADO - Visão externa da casa 4 da antiga rua da Alegria. Planta baixa da casa onde homens e deuses dividem o espaço.

BILINA DIRIGINDO O TERREIRO:
Saudação individual aos fiéis
Recebendo o bastão, símbolo da chefia
Dançando com o bastão (exó)
Alôxa" e "Xangodeí" - hierarquias
Com crianças na "roda", a renovação do grupo de culto.
Insígnias da "Alôxa" - "dogum e exô"

RITUAIS PÚBLICOS
Purificação dos fiéis
"Roda das Virgens"
O rito processional do "Fereguim"
Reverenciando Santa Bárbara
Santos na parede - catolicismo
"Adiborô pegan" um rito agrário
Bilina com enxada e chicote no rito do "Adiborô pegan"

OS DEUSES ENTRE OS HOMENS
CHAMANDO OS DEUSES - instrumentos musicais: a divisão sexual do trabalho religioso e a comunicação com os orixás.

BAIXOU O SANTO - orixá incorpora no fiel (transe)

COMIDA DOS DEUSES, COMIDA DOS HOMENS
Preparação dos alimentos rituais.

XVII FESTIVAL DE ARTE DE SÃO CRISTÓVÃO
DE 21 A 29 DE OUTUBRO DE 1988

O NAGÔ DE BILINA

exposição fotográfica sobre

CULTO AFRO-BRASILEIRO

EM SERGIPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E SOCIOLOGIA
SETOR DE ANTROPOLOGIA
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS - PROEX
CENTRO DE CULTURA E ARTE - CULTART

APRESENTAÇÃO

Neste ano de 1988, Centenário da Abolição da Escravatura, a Universidade Federal de Sergipe, através desta exposição objetiva levar à comunidade resultados de pesquisas e ampliar a reflexão sobre o papel do negro na diversidade cultural do Brasil.

Esta exposição é um dos resultados de uma pesquisa realizada em Laranjeiras entre os anos de 1970-1980. Aborda uma forma de religião trazida por escravos africanos, em sua atual vivência numa pequena cidade da zona açucareira de Sergipe. Retrata um dos terreiros mais destacados da localidade, através de depoimentos de uma importante sacerdotisa - também figura central nesta exposição - e de rituais que integram a vida do terreiro.

PESQUISA, TEXTO E ROTEIRO
Beatriz Góis Dantas - DPS/UFS

FOTOGRAFIA
Jairo Andrade - UFS

ASSESSORIA MUSEOLÓGICA
Cristina Bruno - USP

MONTAGEM
Alunos do Curso de Ecomuseologia

O NAGÔ DE BILINA

O termo nagô remete à África. Antigamente era o nome que aqui no Brasil denominava os escravos de língua Yorubá, procedentes da atual Nigéria e partes do Benin. Hoje, indica crenças e práticas rituais através das quais se procura estabelecer vinculação com tradições religiosas de antigos africanos de língua yorubá. É a forma de identificar-se e, ao mesmo tempo, marcar diferenças em relação a outros centros de culto de tradições diversas.

Em Laranjeiras, onde a presença do negro deixou marcas profundas na cultura local, a população divide os muitos terreiros da cidade em Torê e Nagô. Com isso, faz-se distinção entre a tradição religiosa de origem africana, tida como "mais pura" — o Nagô — e os muitos terreiros de Caboclo — o Toré — onde a presença de outras tradições culturais, marcadamente a indígena, é visível.

Nas origens do Nagô, estão africanos chegados a Laranjeiras, talvez na segunda metade do século XIX.

Durante mais de meio século, Bilina exerceu a função de "Alôxa", mãe de santo, dirigindo o grupo de culto cuja organização privilegia os "descendentes dos nagôs", pessoas às quais se reconhece ascendência africana. A reconstituição das linhas de parentesco que se cruzam em várias direções é importante para manter a ligação com os ancestrais. É através dos filhos e netos dos "descendentes dos nagôs" que se renova o núcleo do grupo de culto, e, assim se percebe a importância da família e a presença das crianças na vida do terreiro. Este incorpora, também, novos adeptos através do "batismo", forma ritual de estabelecer vínculos com os orixás. Dos que ingressam no grupo de culto exige-se que abandonem outras formas de religião, exceto se for o catolicismo.

As festas do terreiro são realizadas em conexão com o ciclo do cultivo do inhame. Em setembro, época da colheita, realiza-se o "festejo do Corte do Inhame", seguido da festa de Ogodô, em outubro. Festejos circunstanciais podem ocorrer até maio, época em que brota a nova plantação de inhame. Nunca ocorrem, porém, na época da quaresma, pois uma cunha do calendário litúrgico-católico se insere naquele de base agrícola, que lembra os calendários de antigas sociedades da Costa Ocidental da África e pelo qual se rege a vida do terreiro.

Nas grandes festas, os orixás são cultuados de forma espetacular, com sacrifícios de animais, toques de tambores e cabaças, danças e cantos que trazem os deuses para o meio dos homens. É, porém, na invisibilidade rotineira do cotidiano que essa relação é estreitada através de "obrigações" que permeiam a vida dos "filhos de fé" e atualizam um código religioso que serve de orientação para a vida das pessoas.

Enfrentando as mudanças que atingiram a sociedade laranjeirense ao longo de mais de um século, da qual resultaram, por exemplo, a proletarização dos seus adeptos e a transferência da maioria deles para Aracaju, o Nagô de Bilina, após a morte de sua dirigente, em 1974, persiste sob a chefia de Lourdes, respondendo ao desafio de reproduzir-se, seguindo os ditames da herença dos ancestrais, no interior de uma sociedade que impõe mudanças e exige adaptações para permitir sua continuidade.